

30/12/2010 - 18h13

Saiba o que o Brasil precisa fazer para ser um país de leitores

ARIADNE ARAÚJO

colaboração para a **Livraria da Folha**Estudo
realizado
pelo

Instituto Euromonitor mostra que a indústria editorial brasileira chegou ao final do século 20 como a maior da América Latina, a oitava em volume de produção do planeta. O tamanho dos números é impressionante: em 2002 venderam-se, no Brasil, 320 milhões de exemplares. Mas, isso não é nem de longe suficiente para as necessidades de um país com a nossa população, segundo o jornalista, editor e ex-assessor da Câmara Brasileira do Livro, Felipe Lindoso.

Em "**O Brasil Pode Ser um País de Leitores?**" (Summus Editorial), Lindoso explica que o bom desempenho do setor fica muito aquém do de outros países com grandes dimensões como nosso. Um exemplo é o das editoras francesas, que produzem uma média de seis livros per capita por ano, enquanto o Brasil produz apenas dois livros per capita por ano. Isso representa uma produção editorial 20% menor que a da França.

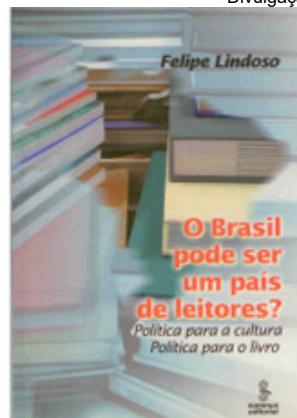
No livro, Felipe Lindoso apresenta um histórico da indústria editorial no Brasil e analisa o conjunto de ações que fazem do livro um produto de consumo tão diferente dos outros, em função dos resultados positivos que traz para os indivíduos e para o país. O problema, na opinião dele, é que, não obstante a diversidade da oferta de livros no mercado brasileiro, ela é inacessível para a maioria da população. Para se ter uma ideia, basta constatar a situação de abandono das bibliotecas públicas.

A cidade de São Paulo possui a maior rede de bibliotecas públicas do país. Mesmo assim, insuficiente, já que "a ampla diversidade da produção bibliográfica só é acessível a uma minoria". Nos demais municípios brasileiros, a situação é ainda mais grave - pelo menos 25% deles não têm nenhuma. E os que têm, estão com acervo desatualizado. Para Lindoso, esse é o resultado de uma política cultural não democrática, que não possibilita o acesso aos bens culturais pela maioria da população.

Diante do abandono das bibliotecas públicas, as editoras de obras gerais se veem privadas de um importante canal - em países mais desenvolvidos, as bibliotecas absorvem até 30% do total da produção editorial. Mas as dificuldades do setor passam por outros caminhos. A grande maioria das empresas editoriais e livrarias é de pequeno e médio porte e de origem e administração familiar. As grandes se concentram no setor de livros escolares, no qual já é forte a presença estrangeira.

De olho na classe média, o setor sabe que essa é a base do mercado de massa e deve ser conquistada para o processo de leitura. Afinal, pesquisas mostram que sempre que a classe média tem aumento de renda, a resposta no consumo de livros é imediata. E a tendência é que leitores de livros de autoajuda, best-sellers ou esotéricos acabem migrando para a literatura ou biografia. Assim, as perspectivas são favoráveis, o segmento está pronto, mas é preciso uma política cultural não-elitista que garanta o acesso a esse bem cultural, diz o autor.

Divulgação



[Lindoso apresenta um histórico da indústria editorial no Brasil](#)